

teatroviriato



DANÇA

23 NOV'13

SEM UM TU NÃO  
PODE HAVER UM EU

coreografia e interpretação PAULO RIBEIRO

50 min. aprox.

m/ 12 anos

**Coreografia e interpretação** Paulo Ribeiro

**Música** Robert Wyatt, *Insensitive*;  
Franz Koglmann, *O Moon My Pin-Up*,  
*Third Movement, Distinctions – IX*;  
Bach / Cello Suites (Pablo Casals),  
*Cello Suite #5 In C Minor, BWV 1011 – Prélude*;  
Bach / Cello Suites (Pablo Casals),  
*Cello Suite #5 In C Minor, BWV 1011 – Courante*;  
Magnus Lindberg / Ictus Clarinet Quintet,  
*Related Rocks*

**Figurinos** José António Tenente

**Desenho de luz** Nuno Meira

**Produção** Companhia Paulo Ribeiro

**Coprodução** A Oficina - Centro Cultural Vila Flor,  
Fundação Centro Cultural de Belém  
e Teatro Nacional São João

**Parceria** Teatro Viriato

**Agradecimentos**

Dr. António Ribeiro de Carvalho,  
Dr. João Luís Oliva, Dra. Maria José Arêde,  
Henrique Tomás, amigos presentes  
em todos os momentos

**Fotografia** José Alfredo

# SEM UM TU NÃO PODE HAVER UM EU

*Imagino que a vossa curiosidade e expectativa deverão ser enormes.*

*Será que se pode dançar Bergman?*

*E se sim será o quê, que corpo será esse, que dinâmica terá?*

*No fundo, se repararmos bem o que Ingmar fez, foi colocar-nos frente a nós próprio de tal forma que é difícil escaparmos daquilo que somos profundamente.*

*Acabamos sempre, ou quase sempre sozinhos, como o próprio diz num "Espaço sem saída".*

*Por outro lado, a maior parte dos seus filmes estão cheios da vida que viveu, de tal forma que a frase de Strindberg faz todo o sentido ao dizer a alguém com quem se desentendia: "toma cuidado que na próxima peça vou ajustar contas contigo".*

*Posto isto, dançar Bergman é sermos fiéis a nós próprios, àquilo que sentimos e vivemos. É sermos despidamente nós próprios, é virarmo-nos do avesso, é assumir o vermelho da alma, é encontrar palavras e gestos felizes num mundo que se desmorona, é o jogo de xadrez com a morte que por vezes pode parecer uma amiga confidente!*

Paulo Ribeiro

## 1.

*Sem um tu não pode haver um eu.*

*Enfim, para bem definir o meu estado direi que sentia como se trapos de limpeza, húmidos, me envolvessem a alma.*

*Contudo, não deixei transparecer nada do que ia cá por dentro, porque acho que é contra o regulamento permitir que as calamidades privadas afetem o trabalho. Há que manter o humor sempre constante, sobretudo ser atuante. Mas como não se pode encomendar a porção de apetite criativo que desejamos sentir, somos obrigados a apoiar-nos numa preparação meticulosa e ter esperança em melhores dias.*

*Não, teatro ou dança sem paixão não é possível. Sem um tu não pode haver um eu. Sem dúvida que todos nós já vimos bom teatro ou dança produto de um ódio orgiaco, mas o ódio também é contacto e pode ser tão sagaz como o amor.*

*Tudo isto me acalma, e começo a escrever diligentemente sobre a pesquisa que fazia em mim próprio e a que dera o título "Espaço sem saída".*

*No caos em mim existente havia, contudo, uma confiança em mim próprio, uma trave que amparava as ruínas desmoronadiças da minha alma.*

Ingmar Bergman, in *Lanterna Mágica* (1988, ed. port. Caravela, trad. Alexandre Pastor)

## 2.

*Depois nenhum de nós teve paciência para contemplar o rosto do outro. Ambos gritámos, desviando o olhar: olha para mim, olha-me!, mas nenhum de nós olhou para o outro e todos os esforços foram vão. A solidão de duas pessoas passa então a ser um facto, e o fracasso uma realidade que nos recusamos a reconhecer. (...) Na aparência, o casamento destes dois cônjuges bem sucedidos na vida, é estável, pois o cenário revela bom gosto e a luminotécnica é excelente.*

*Que uma relação amorosa resulte em conflitos, é quase inevitável.*

*No entanto, os conflitos que possam surgir entre nós não degeneram em inimizade, pois tanto eu como elas já passamos por tudo isto: paixão, ternura, amor, patéticos, traição, ira, comicidade, tédio, mentiras, alegria, partos, trovoadas, noites de luar, móveis, utensílios domésticos, ciúmes, camas largas e camas estreitas, experiências pré-maritais, abusos, boa fé – e mais: lágrimas, erotismo (só erotismo), catástrofes, triunfos, aborrecimentos, injúrias, pancadarias, angústia e mais angústia, anelo, óvulos, espermatozoides, hemorragias, separações, calcinhas – o melhor seria ficar-me por aqui mas a verdade é que ainda há mais: impotência, libertinagem, terror, a proximidade da Morte, a própria Morte, noites negras de insónia, noites brancas, música, pequenos almoços, seios, lábios, fotografias, olha para a câmara e fixa o olhar na minha mão que está à direita do caderno, a pele, o cão, rituais, o pato assado, o bife de baleia, as ostras intragáveis, trabalho atabalhoado e trapalhices, violações, roupas chiques, jóias, contactos, beijos, ombros, ancas, luzes estranhas, ruas, cidades, rivais, sedutores, um cabelo no pente, cartas longas, explicações, risota, a velhice, mazelas, os óculos, as mãos, as mãos, as mãos...*

*Não sei como poderia saber?*

*Talvez os meus sonhos fossem um pouco belos demais.*

*E, como castigo. A vida castiga-nos quando menos esperamos.*

*Quando atinges o teu orgasmo, o teu nariz está tão metido na merda que quase sufocas.*

Ingmar Bergman, in *Lanterna Mágica* (1988, ed. port. Caravela, trad. Alexandre Pastor)



## PAULO RIBEIRO EM ESTADO PURO

por Lílana Garcia

Partiu para esta criação fascinado com a força das palavras e com a humanidade profunda do universo de Ingmar Bergman, mas deixou-se absorver pela teia do realizador e acaba por se apresentar em estado puro, recorrendo à sua própria experiência pessoal para tocar o coletivo. Paulo Ribeiro voltou à essência do movimento “nervoso” e puro que o caracteriza, para se revelar um coração em carne viva, conciliando o que era urgente dizer e o tema da peça que é, justamente, ser fiel ao universo da obra do cineasta sueco. A poucos dias da estreia de **Sem um tu não pode haver um eu** no Teatro Viriato, Paulo Ribeiro fala do seu olhar sobre a obra de Ingmar Bergman e sobre o frenesim interior que o solo espoletou.

**LILIANA GARCIA** O que é que na obra de Ingmar Bergman acabou por ser pretexto para o Paulo Ribeiro falar das suas próprias emoções?

**PAULO RIBEIRO** O que mais me impressionava na obra de Ingmar Bergman era a presença de uma humanidade profunda e a força das palavras... a maioria das palavras que as personagens de Bergman utilizam são palavras cheias, são diálogos que devemos ouvir várias vezes, dada a sua enorme riqueza. Fascinava-me a sinceridade das relações humanas, sempre presente nas suas criações, assim como a flutuação de humores. Mas este meu olhar poético e cheio de significado sobre o universo de Bergman mudou (risos). Afinal, parece-me que, na sua obra, vivemos sempre num espaço sem saída.

**LG** E o Paulo quis fazer um solo.

**PR** Pois... quer dizer, quando se faz um solo, nunca se está só. Mesmo num solo abstrato, de movimento puro, o

intérprete nunca está sozinho... dança com o espaço, com a atmosfera que o rodeia. Em ***Sem um tu não pode haver um eu*** estou constantemente acompanhado. Esta peça, no fundo, é um dueto, só que o outro não se vê.

E, por outro lado, se observarmos bem os filmes de Ingmar Bergman, o que vemos não são solos, mas duetos. Mesmo que haja uma multidão, as cenas são sempre feitas por duetos que se vão mantendo e que depois vão arrastando outros. Tragicamente, na obra de Bergman, as relações acabam sempre por estar num patamar de “não saída”.

**LG O Ricardo Pais disse sobre si o seguinte: “Quando o vemos a dançar o que ele próprio cria, percebemos que o ideário dele vem da sua experiência pessoal, das lutas”. O que há de pessoal e de luta neste solo?**

**PR** Criar e ir para o palco é uma luta. Estar em luta faz parte da natureza humana. Neste caso, as lutas são interiores, bem ao jeito de Bergman. Aliás, em ***Sem um tu não pode haver um eu***, a minha vida cruza-se com o universo de Bergman. Há, neste solo, algo de completamente autobiográfico. À semelhança de Ingmar – que no espaço das suas obras equacionava e questionava a sua própria vida, plasmando nos seus filmes até a relação tumultuosa a atormentada que manteve com as várias mulheres da sua vida –, eu recorro à minha vivência pessoal para tocar o coletivo, acabo por refletir sobre as inquietações existenciais comuns a todo o ser humano: a responsabilidade de nos ultrapassarmos a nós mesmos, de nos tornarmos mais capazes, de nos surpreendermos a nós próprios, de irmos mais longe e, ao mesmo tempo, convivemos com a nossa fragilidade.

Este solo é uma luta enorme entre uma força interior e uma fragilidade exterior, ou também interior. É um confronto entre a força interior e aquilo que a vida nos impõe e que nos ultrapassa. Desta peça emerge o sentimento de que somos manipulados por algo que não controlamos e de que não conseguimos ser donos da nossa vida, da nossa vontade, das nossas expectativas, dos nossos projetos porque há sempre algo mais forte que nos surpreende. A última coisa que digo, que é do Bergman, e que tem uma certa piada, é: “Talvez os meus sonhos fossem um pouco belos demais e como castigo a vida castiga-nos quando menos esperamos. Quando atinges o teu orgasmo, o teu nariz está tão metido na merda que quase sufocas”. Diz tudo, no fundo.

**LG De facto, o solo inclui excertos da autobiografia do Bergman, mas também um texto escrito por si, uma espécie de apresentação do espetáculo.**

**PR** Gosto imenso de dar aos espectadores indicações de como as coreografias se resolvem e sobre qual a direção que tomam. O primeiro solo que fiz, em 1991, chamava-se *Modo de Utilização*, e, nessa peça, intercalava o movimento com momentos em que explicava ao público porque tinha dançado daquele modo e o que queria dizer o que tinha acabado de fazer. Depois, voltava a dançar e pedia ao público para interpretar o que tinha feito. Este primeiro texto de ***Sem um tu não pode haver um eu*** é uma espécie de “mestre de cerimónias”, que tem como função “receber” os espectadores e orientá-los para o que vai acontecer. Os outros textos, excertos retirados da autobiografia de Bergman, são deliberadamente sobre relações conjugais – tema, aliás, recorrente na obra deste cineasta.

**LG O Paulo definiu esse seu primeiro solo, *Modo de Utilização*, como “um solo patusco”. Como define este seu novo solo?**

**PR** Ainda o sinto à flor da pele para o conseguir definir. Mas de patusco não tem nada. É antes um solo em carne viva, onde não me preservo, não me poupo; onde me exponho completamente.

Chamei “patusco” ao *Modo de Utilização* porque era uma brincadeira. Brincava com esta questão de haver pessoas que dizem que não gostam de dança por acharem que não percebem nada desta expressão artística. No entanto,



a dança não tem que se perceber; a dança sente-se. É tão simples quanto isso. E é engraçado porque, no outro dia, convidei uma amiga para assistir ao ensaio e ela dizia-me: “ai, mas eu não percebo nada de dança e estás a convidar-me para assistir ao ensaio, não vai ser de utilidade nenhuma porque não entendo esses códigos da dança”. E, no final do solo, ela tinha percebido tudo e viu que não havia códigos escondidos. Esta peça fala por si e dá-me um gozo especial por ter conseguido conciliar aquilo que eu queria dizer, aquilo que era para mim urgente dizer, e o tema desta peça que é, justamente, ser fiel ao universo da obra de Ingmar Bergman.

**LG O primeiro tema musical do solo, *Insensatez*, de Robert Wyatt, cola-se à peça. Não se consegue depois ouvir aquela música e desligá-la deste espetáculo. Acaba por dar um cunho melancólico à coreografia. Foi uma escolha óbvia?**

**PR** A minha escrita coreográfica é determinada pelo meu estado de alma e por aquilo que quero dizer. Mexo-me em função dessas condições. Nesta peça fui usando músicas diferentes, fui construindo e afinando o movimento que já tinha delineado. Este processo de construção pretende levar mais longe o que nos move por dentro: não reproduzir o movimento, mas habitar o movimento.

Mas, de facto, *Insensatez*, de Robert Wyatt foi logo uma das primeiras músicas que fui buscar e que utilizei para trabalhar. Quando eu acabava o ensaio e ia tomar banho, ou então enquanto aquecia antes do ensaio, deixava passar as várias versões do *Insensatez* e esta do Robert Wyatt impôs-se completamente. Não sei o que é que tem... mas, de resto, as outras músicas também acabaram por se impor a elas próprias.

**LG É curioso há pouco ter usado a expressão “à flor da pele” porque imagino que todo este processo de criação e o regresso ao palco, depois de algum tempo sem dançar, tenha sido muito exigente e que a entrega tenha sido enorme.**

**PR** Quando comecei esta criação sentia-me entorpecido e pesado, por dentro e por fora. E senti uma espécie de quase vazio de movimento. Mas tudo se foi diluindo, à medida que fui para o estúdio e me obriguei a mexer e a assumir este processo solitário. Este é um trabalho singular porque nunca vivi um processo de criação tão solitário

quanto este. Nunca estive sozinho num estúdio, apenas com uma câmara a gravar tudo o que compunha, para mais tarde ver na televisão e corrigir o que não estava tão bem. Para a maioria dos bailarinos, é muito complicado ver-se, olhar para si próprio. Mas quis obrigar-me a esse processo. Foi importante passar por esta solidão.

Curiosamente, este projeto esteve para ser feito por um dueto. A Beatriz Batarda desafiou-me a criar um solo para ela. Depois, sugeri um dueto e, pouco tempo depois, já queríamos fazer um trio, com o Gonçalo M. Tavares a escrever. Entretanto, quando saíram os resultados dos apoios da Direção-Geral das Artes, percebi que não havia dinheiro para desenvolver um projeto desta envergadura. Acabei por o assumir sozinho e trabalhar o universo do Bergman.

O desafio que a Luísa Taveira me lançou, em 2011, de criar para a Companhia Nacional de Bailado a partir de Tarkovsky, mexeu muito comigo. Gostei imenso até porque o cinema é, para mim, muito inspirador. Foi muito interessante todo o trabalho de pesquisa e de passagem dessa investigação sobre Tarkovsky para um coletivo de 36 bailarinos. Neste solo, fui na mesma direção: agarrar no cinema.

**LG Na peça, vemos um coração em carne viva, que oscila entre a subtileza dos gestos e os movimentos mais inquietos e agitados. Esta peça é uma súplica das coreografias do Paulo Ribeiro ao longo dos anos?**

**PR** Esta peça sou eu em estado puro. Para quem me conhece, este solo trará algo novo por causa da narrativa, mas, no que diz respeito ao léxico do movimento, sou eu levado ao extremo. E, dentro da minha particularidade, estou completamente solto. Quis entrar no meu movimento o mais possível. E este acaba por ser um trabalho de uma autenticidade enorme, é uma espécie de frenesim interior.

**LG No final, a felicidade chega a espreitar?**

**PR** Aquilo que quis dizer na peça pode ter vários significados. Mas é inequívoco que a felicidade é a esperança de vida, é aquilo que nos resta e que nos mantém vivos. A felicidade não é um desejo sequer; a felicidade é a respiração. Tem que haver felicidade na vida, senão não há saída.

**LG Pensa voltar a dançar depois desta experiência? Depois deste solo, ficou aí uma inquietação maior de voltar ao palco?**

**PR** Não sei. Agora há que fazer e resolver este espetáculo. E, na verdade, gostava de fazer este solo muitas vezes. Acho que é uma peça que merece circular e ser vista por muitos.



## PAULO RIBEIRO

COREÓGRAFO

Depois de uma vasta experiência como intérprete em várias companhias belgas e francesas, Paulo Ribeiro começou a coreografar em 1984, na primeira edição da Biennale Off, de Lyon (França). Posteriormente, criou obras para companhias de renome como Nederlands Dans Theater (Holanda), Grand Théâtre de Genève (Suíça), Centre Chorégraphique de Nevers (França), Ballet Gulbenkian e, mais recentemente, para o Ballet de Lorraine (França), Grupo Dançando com a Diferença e Companhia Nacional de Bailado.

Em 1995, fundou a sua companhia de autor, para a qual já criou 16 coreografias: *Sábado 2*, *Rumor de Deuses*, *Azul Esmeralda*, *Memórias de Pedra – Tempo Caído*, *Orock*, *Ao Vivo*, *Comédia Off -2*, *Tristes Europeus – Jouissez Sans Entraves*, *Silicone Não*, *Memórias de um Sábado com rumores de azul*, *Malgré Nous*, *Nous Étions Là*, *Masculine*, *Feminine*, *Maiorca*, *Paisagens – onde o negro é cor*, *Jim* e agora *Sem um tu não pode haver um eu*. As obras têm conquistado importantes distinções nacionais e internacionais, designadamente no Concurso Volinine (França) em 1985, e nos Rencontres Choregraphiques Internationales de Danse, de Seine-Saint-Denis (França), em 1996. Foi ainda distinguido pelo Instituto Português das Artes do Espetáculo em 1999, pela Casa da Imprensa em 2000 e em 2005, pelo Dance Week Festival (Croácia) em 2009 e pela Sociedade Portuguesa de Autores em 2010.

Paulo Ribeiro foi também comissário do ciclo *Dancem!* do Teatro Nacional São João em 1996, 1997, 2003, 2009 e 2011, diretor artístico do Ballet Gulbenkian entre 2003 e 2005 e diretor-geral e de programação do Teatro Viriato entre 1998 e 2003, e, de novo, a partir de 2006 até ao presente. Lecionou a disciplina de Composição Coreográfica, no âmbito do mestrado de Criação Coreográfica Contemporânea, promovido pela Escola Superior de Dança, e deu aulas no Conservatório Nacional de Dança.



**Sostenuto** Dão · Quinta do Perdigoão • **Allegro** BMC CAR • Tipografia Beira Alta, Lda. • **Moderato** Família Caldeira Pessanha • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • Ana Maria Ferreira Carvalho • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Armanda Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaías Gomes Pinto • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Rodrigues Ferreira Moreira de Almeida • Maria de Lurdes da Silva Alves Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Patrícia Morgado Costa Mateiro Santos • Paula Nelas • Paulo Jorge dos Santos Marques • Raul Albuquerque e Vitória Espada • Teresa da Conceição Azevedo • Vítor Domingues • 3XL Segurança Privada Unipessoal, Lda • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Beatriz Afonso Delgado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Júlia Pereira Arede Oliveira Costa • Maria Leonor Teixeira Ferreira David Martins • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.

MECENAS



Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente de Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos e Pedro Teixeira *Técnicos de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Manuel Poças *Técnico de Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Raquel Marcos *Assistente de Secretariado* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Coordenação Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruna Pereira, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luís Sousa, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.

Colaboração Técnica



estrutura  
financiada por:



GOVERNO DE  
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA



câmaramunicipalgrãovasco

Próximo espetáculo



TEATRO

27 a 30 NOV

## ESTRADA ESFOMEADA

adaptado a partir do romance *FAMISHED ROAD* de BEN OKRI

50 min. aprox.

qua 15h00 | qui e sex 10h30 e 15h00 | público-alvo 1º e 2º ciclos do Ensino Básico (m/ 8 anos)  
lotação 2 turmas/sessão (máx. 45 participantes) | preço 1€

sáb 16h00 | público-alvo Famílias (com crianças m/ 8 anos)  
lotação 45 participantes | preço 2,50€